



Fig. 35 : Topografia do Sistema Terra Ronca - Malhada
Topographie du Système Terra Ronca - Malhada [GOIÁS 94].

LAPA DO MALHADA - GROTTE DE MALHADA

Georgete DUTRA & Luciana ALT [*O Carste*, 1994, 6(12)]

Córrego Malhada é o nome do riacho que percorre a Lapa do Malhada. Não sei se quem lhe deu o nome sabia das dimensões da caverna por ele escavada. Mas de qualquer forma, foi um excelente nome, principalmente o homônimo pertencente à caverna. Tudo começou com a demora para iniciar-se a retopografia da lapa Terra Ronca II. Uma enrolação aqui, outra acolá e os ânimos ficando à flor da pele. Enquanto uma turma decidia a melhor base para a topografia, outra iniciava a andança a fim de conhecer os arredores e... tchan, tchan, tchan, tchan... lá estava ele, um grande desmoronamento e um afluente de águas límpidas e convidativas. Como voltar? Melhor esperar os outros! E então começava-se a exploração da Lapa do Malhada. Prosseguir com a topografia de uma gruta já conhecida diante da empolgação de uma descoberta? Nem pensar! E a emoção de uma exploração? Sinceramente, não há como reclamar do pessoal que « abandonou » a topografia por uma nobre causa destas! De qualquer forma, foi um alívio para os outros saberem que também teriam o prazer de conhecer e topografar essa « nova » caverna, inicialmente intitulada de galeria da Terra Ronca. Logo, como as outras cavernas na região, suplantou as expectativas, e já demonstrava um potencial com características e exclusividades próprias, aliando seu nome definitivamente ao da Lapa de Terra Ronca - Sistema Terra Ronca-Malhada - (cuidado São Vicente, as exclusividades estão acabando. Prepare o seu sistema).

A topografia iniciou-se no ponto da descoberta, ligando este, localizado numa praia de seixos da Terra Ronca II, ao desmoronamento correspondente à confluência do córrego Malhada. Ali o acesso à Lapa do Malhada se faz através de um abatimento, onde se ouve o rio passando por baixo. Nesse local pode-se observar uma galeria fóssil, de dimensões bem mais amplas. De qualquer forma iniciou-se a já adiada, mas nunca renegada, topografia.

Córrego Malhada, c'est le nom du ruisseau qui parcourt la grotte de Malhada (battage). Je ne sais pas si celui qui lui a donné son nom connaissait les dimensions de la caverne qu'il a creusée. Mais, quoi qu'il en soit, c'était un excellent choix. Tout commence avec l'attente pour débiter la re-topographie de la grotte de Terra Ronca II. De confusion en complication, les susceptibilités sont à fleur de peau. Pendant qu'une équipe choisit la meilleure base pour la topographie, une autre commence l'exploration des environs, et... tchan, tchan, tchan... il était là, un grand éboulis et un affluent d'eau limpide et attirante. Comment retourner ? C'est mieux d'attendre les autres ! C'est ainsi qu'a commencé l'exploration de Malhada. Continuer la topographie d'une grotte déjà connue face à l'attrait d'une découverte ? Impossible ! Et l'émotion d'une exploration ? Sincèrement, il n'y a rien à reprocher à ceux qui ont « abandonné » la topographie pour une si noble cause ! De toute manière, ce fut un soulagement pour les autres de savoir qu'ils auraient aussi le plaisir de connaître et topographier cette « nouvelle » caverne, appelée initialement « galerie de Terra Ronca ». Ensuite, comme les autres cavernes de la région, elle a dépassé nos espérances et a dévoilé un potentiel avec ses propres caractéristiques, associant définitivement son nom à celui de Terra Ronca - Système Terra Ronca-Malhada - (attention São Vicente, les exclusivités c'est terminé. Prépare ton système).

La topographie a débuté au point de la découverte situé sur une plage de galets de Terra Ronca II, pour atteindre l'éboulis de la confluence du ruisseau Malhada. De là, l'accès à Malhada se fait par un affaissement, d'où on entend le bruit de la rivière qui passe en dessous. A cet endroit, on peut observer une galerie fossile de dimensions bien plus importantes. De toute façon, la topographie, ajournée mais jamais reniée, a enfin commencé.

Após a passagem por entre blocos chega-se a um grande salão, também desmoronado, com uma parte superior composta por escorrimentos e outros espeleotemas. Essa parte superior comunica-se com a galeria da Terra Ronca, porém a descida até o rio é íngreme e alta, sendo necessário uma corda.

Após o salão, depara-se novamente com o córrego Malhada, dessa vez com dimensões bem menos avantajadas. Uma vez dentro do riacho, não aparecem desmoronamentos ou galerias laterais. O primeiro quilômetro nessas condições é confortável, embora não se saia do córrego nem uma vez. O conduto é único com dimensões gerais de um metro e meio de largura por um metro e meio a 2 de altura, com água variando do joelho até a cintura.

Aí é que o nome Malhada começa a fazer juz à caverna. Os outros aproximados três quilômetros são bem... malhantes! Diria-se até escaldantes! Percorre-se grande parte agachado, com raros momentos de «descontração» onde se pode esticar um pouco a coluna. Da mesma forma, galerias laterais ou superiores são raras ou inexistentes. Molha-se somente até o pé... da orelha! Nesse segmento de caverna ninguém esquece seu nome, e até arranjam outros «apelidos» para designá-la! É, malham mesmo, sem nenhum ressentimento!

Próximo ao sumidouro, após passar um sifão (na época de chuvas), o conduto modifica-se completamente. Torna-se mais amplo, alto e começa a subir, abandonando o rio. Percebe-se restos como folhas, gravetos e cordinhas de topografia indicando a saída, que é íngreme, sendo necessários escadinha e corda para subi-la.

Uma das partes que mais chamam a atenção é o fato de o Córrego Malhada ser um afluente, de dimensões e volume caudal tímidos se comparados aos demais da região, pelo menos atualmente. A caverna segue o mesmo esquema, de volume tímido, porém de comprimento total de aproximadamente quatro quilômetros. E sua direção predominate NO/SE não é a mesma dos outros rios que formam cavernas na região. Como foi dito anteriormente, essa lapa também contém suas particularidades...

Après un passage entre les blocs, on arrive dans une grande salle, également éboulée, avec une partie supérieure ornée de coulées stalagmitiques et autres concrétions. Cette partie supérieure communique avec la galerie de Terra Ronca, mais la descente jusqu'à la rivière est abrupte et haute, rendant nécessaire l'emploi d'une corde.

Après la salle, on retrouve par hasard le ruisseau Malhada, cette fois avec des dimensions bien moins avantageuses. Dans le ruisseau, il n'y a pas d'éboulements ni de galeries latérales. La progression sur le premier kilomètre est confortable, bien qu'on ne sorte pas une seule fois du ruisseau. Le conduit est unique avec 1.5 m de large et 2 m de haut, et un niveau d'eau qui varie du genou à la ceinture.

C'est ici que le nom de Malhada commence à s'imposer à la caverne. Les trois kilomètres suivants sont bien... battants! (malhantes) ou même brûlants! Une grande partie de la progression se fait accroupi, avec des rares moments de décontraction où l'on peut s'étirer la colonne. De même, les galeries latérales ou supérieures sont rares ou inexistantes. On se mouille seulement jusqu'au pied... de l'oreille! Dans ce tronçon de la caverne, personne n'oublie son nom, ou même n'en invente d'autres!

Près de la perte, après le passage d'un siphon (en période de pluie), le conduit se modifie complètement. Il devient plus large, plus haut, et commence à monter, en abandonnant la rivière. On aperçoit des restes de feuilles, des brindilles, et du fil topo qui indiquent la sortie. Celle-ci est abrupte et rend nécessaire la mise en place de cordes et échelles.

Ce qui attire le plus l'attention, c'est le fait que le ruisseau Malhada est un affluent de petite dimension et de faible débit, en comparaison des autres rivières de la région, tout au moins actuellement. La caverne suit le même schéma, faible volume, malgré un développement total de près de 4 km. La direction prédominante (NO/SE) n'est pas la même que celle des autres rivières souterraines de la région. Comme nous l'avons déjà dit, cette grotte a ses propres caractéristiques...